

10

A gravura ecológica e seus aportes ao ensino fundamental I

Isabel Catarina Suzart Argolo
Universidade Politécnica de Valência
issuart_64@hotmail.com | [ORCID](#)

Recebido em: 22/02/2022
Aprovado em: 24/02/2023

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781820231e0046>



Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

A gravura ecológica e seus aportes ao ensino fundamental I

A Gravura, a exemplo das tradicionais expressões visuais, tem ampliado seu repertório técnico e conceitual em decorrência de experimentações e investigações realizadas nos últimos cinquenta anos (MORO, 2017). Ao longo desse texto, pretende-se mostrar que a Gravura Ecológica (GE), produto dessa ampliação, tem influenciado o surgimento de novos procedimentos introduzidos no Ensino Fundamental I, contribuindo para a formação de uma percepção sensível e de uma consciência e conduta ética do educando, na sua relação com o meio ambiente. Busca-se identificar nesses procedimentos, o exercício da percepção seletiva no processo de escolha dos materiais descartáveis, o manejo criativo na confecção de matrizes, destacando-lhes a aplicação do conceito¹ de sustentabilidade na prática artística escolar (AGUILAR MORENO, 2017) e seus desdobramentos como instrumento de formação para a cidadania. Por fim, com base nesses aportes, salienta-se a efetiva articulação da GE com as habilidades requeridas pela BNCC, entre as quais, experimentar diferentes formas de expressão artística fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais (BNCC, 2017).

Palavras-chave: Gravura ecológica; Técnicas de gravura; Gravura no ensino fundamental I.

Eco-friendly printmaking and its contributions to basic education I

Printmaking, like traditional visual expressions, has expanded its technical and conceptual repertoire as a result of experiments and investigations carried out in the last fifty years (MORO, 2017). Throughout this text, it intends to show that Ecological Printmaking (EP), a product of this expansion, has influenced the emergence of new procedures introduced in Basic Education I, contributing to the development of a sensitive perception and an ethical conscience and conduct of students, in their relationship with the environment. Seeks to identify in these process of choosing disposable materials, the creative management in the making of matrices, highlighting how the concept of sustainability is applied in school artistic practices. (AGUILAR MORENO, 2017) and its progress as a training tool for citizenship. Finally, based on these contributions, highlights the effective relation of EP with the skills required by the new curricular standards known as the Common Core State Standards (BNCC in the Portuguese acronym), including experimenting with different forms of artistic expression, making sustainable use of conventional and unconventional materials, instruments, resources and techniques. (BNCC, 2017).

Keywords: Eco-friendly printmaking; Printmaking techniques; Printmaking in basic education I.

Introdução

A versatilidade da Gravura caminha com o tempo, com suas novidades e necessidades. Assim, inaugurou-se quase no final da década de 1990, a Gravura ecológica (Ecogravura, Gravura verde, Gravura sustentável ou Gravura não-tóxica), sua descendente contemporânea responsável pela ampliação do campo das artes gráficas.

Fazendo jus às mudanças de conduta de vários países no sentido de promover a sustentabilidade e melhorar a qualidade de vida presente e futura, a Gravura ecológica, trazida à discussão nesse texto, trouxe frescor ao universo gráfico ao reascender debates sobre o conceito de Gravura e de Estampa e pleitear a adoção de materiais e técnicas cujo destino natural é o descarte. Ao longo dessa exposição, propõe-se destacar o influxo da Gravura ecológica (GE) para o surgimento de novos saberes técnicos incorporados ao Ensino Fundamental I e ratificação de saberes conhecidos dos profissionais da arte-educação, levando-se em conta sua relevância como componente pedagógico essencial no ensino da arte, que na interface com conceitos e práticas das áreas da Biologia (Ecologia), da Filosofia (Ética) e Gestão ambiental, estabelece aproximação entre a criatividade e a formação de uma conduta e uma consciência ética ambiental.

O ensino da Gravura Ecológica (GE) na escola não se restringe à aprendizagem de técnicas, à manipulação e seleção de materiais e ferramentas, é também, uma atividade reflexiva e lúdica que se manifesta como aporte à prática criadora. E assim como a gravura tradicional, possui uma tendência gregária, socializadora; gera diálogo, intercâmbios e cooperação durante a sua prática. Sendo uma atividade experimental, a GE é vulnerável às surpresas e descobertas que são partilhadas por seus grupos e esse intercâmbio é um componente essencial para o desenvolvimento do indivíduo porque exercita a escuta e a crítica sobre o seu fazer artístico e dos seus parceiros.

Escola e sustentabilidade. educar promovendo valores

O conceito de sustentabilidade citado no Relatório de Brundtland, produzido em Estocolmo (Suécia), completa neste ano de 2021, trinta e quatro anos de sua publicação. É um marco na luta das nações pela defesa e preservação do meio ambiente e tem por meta:

atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades. É uma mudança de mentalidade que se afirma nas condutas de exploração dos recursos naturais, dos investimentos em qualquer área apoiada pelo desenvolvimento tecnológico, e nas mudanças institucionais que, juntos e em harmonia, potencializam o atendimento às necessidades e aspirações humanas no presente e no futuro. (V.V.A.A., 1987, p. 41 - 43. Adaptado).

O Relatório trata, neste trecho, de uma ‘mudança de mentalidade’. Na visão de um educador, deveria se tratar de uma ‘formação de mentalidade’ em que escola e família trabalhassem juntas na educação ambiental, na construção do conhecimento e conduta afinados com os objetivos do Relatório, envolvendo crianças desde a mais tenra idade. A postura da educação é, pois, preventiva no sentido de criar hábitos e condutas que garantam resultados a curto, médio e longo prazo, em vez de corrigir comportamentos cristalizados, de adultos. Ainda com respeito ao Relatório e sua iniciativa de conclamar as nações para o cuidado e preservação da natureza de sorte e garantir uma existência saudável a todos os habitantes da terra, os professores Japiassú e Guerra abordam a questão pela via do direito público, ressaltando que

a defesa do meio ambiente é matéria de interesse público, pois diz respeito à preservação da vida e das condições de sua existência, além de tratar da proteção de um bem de uso comum a todos os habitantes do planeta. (JAPIASSÚ; GUERRA, 2017, p. 2)

Partindo da norma fundante do Direito Ambiental que busca a regulação das interações dos seres humanos com o meio ambiente e de seus impactos sobre esse meio com o objetivo de defendê-lo e preservá-lo, ressalta-se a importância da inserção da Gravura ecológica (GE) no contexto educacional básico como um instrumento que oferece suporte conceitual para o alcance dessas metas. A Escola se apresenta como o ambiente propício à divulgação e cultivo dos princípios dispostos no Relatório Brundtland e no Direito Ambiental nos primeiros anos escolares, por compreender uma fase da vida em que a criança exercita a atenção e memoriza mais facilmente o que aprende. As psicólogas especialistas em desenvolvimento cognitivo, Papalia, e Feldman (2013), observam que “durante a segunda infância as crianças melhoram a atenção e a rapidez e eficiência com que processam as informações e começam a formar memórias de longo prazo” (p. 267). Os estudos das psicólogas encontram reforço no ambiente familiar que é o meio onde a criança aprende desde cedo e não esquece. A educação ambiental tem seu início no ambiente doméstico, entretanto, cabem à escola e à família dividir a responsabilidade. À escola compete formar estes pequenos cidadãos, para que no futuro

sejam multiplicadores daqueles princípios nas lideranças que ocuparão em instituições, empresas, comunidades; nas diferentes posições sociais como políticos, líderes comunitários e de associações; em sua atividade profissional seja na educação, na ciência e nas artes; e no setor empresarial, entre outras ocupações. Em qualquer de suas escolhas na vida profissional, todos continuarão sendo consumidores e propagadores deste aprendizado. Crianças bem formadas serão adultos que contribuirão para uma sociedade mais justa e sana.

Outro aspecto relevante da iniciação na educação ambiental na pré-escola pela via da Gravura ecológica diz respeito ao seu melhor do aproveitamento nessa etapa, porque entre crianças não há dissidências, mas um senso de coletividade, cooperação e fraternidade que tornam possível um projeto ambiental dentro da Escola. Entretanto, assim como qualquer outro saber, requer contextualização, conhecimento do seu significado, e motivos de sua implementação no ambiente escolar e fora dele para que tenha efeito. Por outro lado, as crianças precisam se conhecerem como consumidores, e serem alertadas para o fato de que adquirem hábitos com o convívio familiar, que vão repercutir na vida escolar e em outros ambientes, e por este motivo necessitam de orientação com respeito ao consumo, descarte e seus impactos na natureza e no meio urbano. O apoio efetivo da família em todo seu processo educativo e formativo é essencial e requer coordenação com as ações da escola voltadas à questão ambiental.

A relevância do tema da sustentabilidade introduzido na educação infantil pela prática das artes gráficas e com enfoque na educação ambiental, é uma preocupação compartilhada pela docente e artista Marta Aguilar Moreno com outros educadores-gravadores. Posiciona-se com respeito ao assunto avaliando que

uma experiência artística de consciência ecológica favorecerá condutas ambientais que proporcionarão à criança uma riqueza de conhecimentos sobre o meio que a cerca. Um dos meios ideais para que a criança adquira esse conhecimento será a utilização de materiais e produtos não tóxicos ou poluentes para a criação de matrizes, promovendo assim a conscientização sobre saúde e conservação do meio ambiente. Como professores, nosso trabalho será atuar como mediadores da aprendizagem, fornecendo os recursos e explicações necessárias para que a criança alcance os objetivos propostos. (AGUILAR MORENO, 2017, p. 59. Tradução e grifo meus.).

A sustentabilidade se define por várias ações que urgem ser adotadas por todos os países (pelo menos deveria) e que incidem sobre as áreas da economia, com o intuito de provocar mudanças no comportamento de consumo e conscientizar as populações sobre o uso racional dos recursos naturais; sobre a sociologia (sustentabilidade social), estimulando a

implantação de projetos educativos inclusivos dirigidos à população de baixa renda, a adoção de sistemas educacionais que investem na preservação ambiental e dão continuidade ao seu princípio básico de “educar promovendo valores”, o investimento em saneamento básico, entre outras. Uma população cônica dos problemas causados ao meio ambiente tem uma maior inclinação a manifestar-se de forma colaborativa e solidária nas ações direcionadas ao desenvolvimento sustentável do planeta.

Na prática do ensino da Gravura ecológica a consciência sobre os danos ao ambiente vem na sequência do primeiro e mais importante passo a ser dado antes de iniciá-lo, que é o esclarecimento sobre o conceito de ‘sustentabilidade’. A partir dele segue todo seu repertório pertinente e cabível ao público infantil para que se familiarizem com a GE e seus aportes à sustentabilidade. Conhecer o significado dos três “Rs”, – reciclagem, reutilização e redução da produção de dejetos –, além de apreender novos conceitos, ajuda a criança a compreender o vínculo entre a Arte da Gravura e a educação ambiental e a se colocar como sujeito ativo nesse processo de aprendizagem.

Um dos aportes da GE começa com um dos “erres”, o da ‘reutilização’ como matriz de impressão, das embalagens produzidas pela indústria ao se tornarem refugo. Outra contribuição que atende ao princípio da sustentabilidade diz respeito à contrariedade à lógica de consumo. A GE não estimula o aumento de consumo de produtos para que se gere mais material descartável e com este, novas matrizes. Ao contrário, estimula o uso do refugo com o propósito de oferecer-lhe nova função, novo sentido, exercitando a criatividade. A GE incita uma política colaborativa direcionada à educação por meio de ações de coleta e triagem de materiais descartáveis em que vizinhos, parentes e estabelecimentos comerciais participam de forma ativa e consciente do seu papel no processo educativo e na construção de um olhar sensível sobre a natureza, as ações humanas sobre esta, suas consequências imediatas e futuras. Na etapa seguinte à coleta, a criança deve ser implicada no processo seletivo dos materiais que se transformarão em matrizes. Trata-se não apenas de uma seleção mas de um exercício da percepção sensível que alimenta a criatividade, desenvolve o senso de seletividade da criança, ao mesmo tempo que lhe permite conhecer a relação entre consumo, descarte e danos ambientais. Pode-se denominar ao conjunto de ações desenvolvidas no ensino da GE de ‘pedagogia ambiental’ posto que desperta na criança sentimentos de colaboração e benfeitoria que reforçam sua autoestima e potencializa afetos que lhe edificam como ser em construção.

Sentir-se útil e participativa na redução da produção de lixo para promover a Arte, torna a experiência ainda mais prazerosa, gratificante e recompensadora. A prática da Gravura Ecológica em sala de aula, permite, portanto, “experimentar a criação (...) de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola, e contar com diferentes atores da comunidade”, segundo preconiza a BNCC (2017, p.199). Na prática, a ideia da sustentabilidade no Ensino Fundamental I tem maiores chances de se consolidar de modo colaborativo, com a parceria das famílias do alunado, da comunidade próxima à escola e de parceiros externos, do contrário, corre o risco de tornar-se uma tarefa escolar sem futuro e não um projeto comum partilhado entre educadores, educandos e cidadãos comprometidos com sua concretude e em que todos os envolvidos ao mesmo tempo que se instruem, reproduzem o aprendido.

Notas sobre a gravura ecológica como categoria artística no campo estendido

A Gravura é uma das técnicas mais antigas de que se tem conhecimento. Seus exemplares mais distantes legados pelos nossos ancestrais, o homem de neandertal, têm cerca de 65.000 anos. Desde as primitivas incisões sobre as rochas datadas nesse período até a primeira metade do século XX, a gravura desenvolveu técnicas que foram preservadas até a atualidade, e entre as quais encontram-se a xilogravura, calcogravura, litogravura, serigrafia e monotipia. A peculiaridade que diferencia a gravura das demais artes visuais no campo bidimensional é a serialidade. Exceto pela monotipia, a gravura é uma arte que se insere no contexto da sustentabilidade por sua condição geradora de múltiplos a partir de uma única matriz empregada na produção de cópias de uma mesma imagem.

No final da segunda metade do século XX, assiste-se ao início de uma nova era da gravura marcada por experimentações que surgem com técnicas alternativas não-tóxicas às técnicas tradicionais. Nos anos 1990, o artista e professor canadense Keith Howards, realiza seus primeiros experimentos, após diagnóstico de uma grave doença, adquirida pela exposição contínua aos gases emanados pelos ácidos usados na gravação das matrizes. Ele inaugura a era sustentável no campo das artes gráficas ao introduzir procedimentos denominados não-tóxicos ou ecográficos e que viriam, ademais, situar a gravura no campo expandido (KRAUSS, 1975).

Este conceito é desenvolvido por Moro (2017) com base na ideia de ‘expansão’

inaugurada por Rosalind Krauss em seu artigo sobre o campo estendido da escultura, somando a este, conceitos oriundos de outros campos epistemológicos com o propósito de tentar esclarecer os fenômenos artísticos da atualidade, entre eles, o da gravura experimental. É o caso da noção de “mente estendida” teorizada pelos filósofos Andy Clark e David Chalmers, publicada em 1998 no artigo de mesmo título e que se inicia com a questão “Onde termina a mente e começa o resto do mundo?” Segundo os autores, a realidade cognitiva é constituída por três fatores amalgamados, sendo o sistema nervoso central o primeiro e principal, os elementos neuronais (que realizam as sinapses) em segundo, e o terceiro, que define o papel ativo do entorno na execução dos processos cognitivos. Em outros termos, a mente não contém todas as informações que realiza, portanto, os processos cognitivos não estão todos dentro dela. Elementos externos como ferramentas, objetos utilitários e produtos materiais, correspondem ao terceiro fator proposto pelos autores e são parte integrante dos processos mentais. Moro equipara

a ideia da ampliação “extensiva” dos processos mentais e dos processos de comunicação, [...] às manifestações “expandidas” da arte contemporânea, na medida em que o fato artístico (quer dizer, o produto cultural humano por excelência) não se conforma com fronteira alguma, mas faz parte de uma experiência fluida e diluída em termos de espaço e tempo. (MORO, 2017, p. 3. Tradução minha.).

E qual a contribuição destas reflexões para a adoção da Gravura ecológica (GE) na prática pedagógica escolar? Quanto maiores forem os estímulos externos e desafios propostos para o exercício da arte, maiores serão as chances de desenvolver a cognição da criança. Os estímulos, materiais e ferramentas na GE são tão variados quanto flexíveis no sentido de que são alternativos, em constante construção, e renovados. Cabe ao professor observar as respostas da criança aos seus estímulos, o uso dos materiais e instrumentos, e verificar as soluções encontradas pela criança para resolver o problema da escolha do material para trabalhar e da maneira como fazê-lo usando utensílios e seu próprio corpo para alcançar os resultados esperados.

Apesar da coerência entre as noções apresentadas, uma que constata o fenômeno ‘externo’ da ampliação de uma noção de arte e o batiza com o conceito de ‘campo estendido’ (KRAUSS, 1975), outra que toma deste o adjetivo ‘estendido’ para discutir sobre os processos mentais, portanto ‘internos’ (CLARK; CHALMERS, 2011, apud MORO, 2017, p. 2-3) construídos com os estímulos externos (externalismo ativo), não se pode prescindir de outras

vias de influxo. O externalismo ativo sugere que o meio ambiente exerce um papel ativo no comando dos processos cognitivos e estes, portanto, não estariam restritos à consciência. Sendo assim, os influxos apresentados pela Gravura ecológica, por meio de seus múltiplos materiais, ferramentas e procedimentos, se posicionariam em local de destaque no desenvolvimento da cognição infantil estimulando o conhecimento dos limites do próprio corpo, as experiências sensoriais, lúdicas e criativas. Inequivocamente, ao ter um caráter dinâmico e marcado pelo devir proporcionados pela experimentação, a Gravura ecológica é uma forma de expressão que demanda soluções contínuas em sua prática.

Características e aportes da gravura ecológica ao ensino fundamental I

A Gravura Ecológica, igualmente conhecida pelos epítetos “sustentável, ecológica, gravura verde ou ecogravura”, assegura, desde a mais tenra idade, uma educação enfocada na promoção do equilíbrio entre seres humanos e meio ambiente. No ambiente acadêmico ganhou contornos próprios a partir de experimentações que ecoaram no ensino formal (Fundamental e Médio) por meio de técnicas não-tóxicas. Sua prática nas escolas se orientou no sentido de criar aproximações às técnicas tradicionais usando materiais descartáveis e ao mesmo tempo, em buscar diferentes resultados da gravura convencional. Nesse sentido, tanto a gravura artística praticada pelos artistas-gravadores quanto a gravura praticada nas escolas foram responsáveis pela expansão da técnica.

Nas escolas, a não-toxicidade é um assunto que dispensa discussão, já que faz parte das medidas de segurança preventivas adotadas no ensino de menores. Por outro lado, nos ateliês de gravura e escolas superiores de artes visuais há uma carência de debate sobre os riscos que os produtos químicos oferecem à saúde de docentes e estudantes. A não-toxicidade é a característica essencial da Gravura Ecológica (GE) e consiste na substituição de materiais usados como matrizes na gravura tradicional, por outros que dispensam o emprego de ácidos e solventes por sua liberação de gases tóxicos. Sua inocuidade possibilitou conquistar o espaço no Ensino Básico antes ocupado prioritariamente pela pintura e pelo desenho.

A gravura não-tóxica define-se por ‘sustentável’ pelo aproveitamento de materiais descartáveis para a confecção das matrizes de gravura e conseqüente redução na produção de resíduos poluentes. É ‘ecológica’ ou ‘verde’ pela mesma razão, ou seja, porque respeita a natureza evitando o estímulo ao consumo e redução de produtos descartáveis.

A Gravura Ecológica não busca a reprodução de técnicas da Gravura tradicional, e nem seria possível em razão dos materiais usados como matrizes. Algumas técnicas podem gerar semelhanças, entretanto, cada matriz oferece um resultado único. Tomando como exemplo a xilogravura, a madeira usada como matriz é substituída por lâminas de isopor que por sua natureza não reproduz a textura dos veios daquele suporte; na calcogravura, a chapa de cobre é ‘substituída’ por caixas de Tetra-Pak® que, embora apresente uma superfície lisa como a do metal, tem suas limitações quanto aos múltiplos efeitos que se obtém com a gravação realizada por meio dos vernizes, ácidos e buril com suas delicadas linhas e entramados. Nesse sentido, não se pode afirmar que há repetição de modelos, apenas formas alternativas de se lograr feições aproximadas entre as duas gravuras mencionadas.

A Gravura ecológica proporciona, entre seus aportes, a formação de uma percepção sensível e de uma consciência e conduta ética do educando na sua relação com o meio ambiente mediante práticas ecográficas. A docente Marta Aguilar Moreno pondera acerca do seu uso como mediadora de uma educação ambiental chamando atenção para a metodologia e os objetivos que se pretende alcançar na conduta pedagógica, salientando aspectos de maior ênfase no processo educativo. Trata-se de “(...) una *metodología activa y participativa*, en la que se pondrá en juego diferentes habilidades de pensamiento y diferentes lenguajes, con especial *ênfasis en la creatividad, el pensamiento crítico y la reflexión sobre la práctica*” (AGUILAR MORENO, 2017, p. 59. Grifos meus.). A Gravura permite a resolução de problemas de forma criativa, o desenvolvimento da percepção e do pensamento analítico, reflexivo requeridos por sua linguagem plástica e múltiplas técnicas.

Além de promover ações sustentáveis, a GE preenche mais um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) ao garantir a educação inclusiva e equitativa e promover oportunidades de aprendizado pelo seu baixo custo que viabiliza sua adoção em escolas públicas ou privadas. Nesta seção se aborda, entre outros aspectos, como isso é possível, elencando os materiais destinado às matrizes (suportes) – papelão, madeira, plástico, isopor, dentre outros –, além dos processos e procedimentos que tornam a gravura viável em qualquer categoria escolar. Os processos dizem respeito ao desenvolvimento da atividade por etapas que costumam começar com a elaboração da matriz, passando por sua entintagem até a impressão, enquanto os procedimentos concernem ao modo de fazer ou método inerente à técnica e que podem ser realizados de forma muito particular.

Os materiais adotados na Gravura ecológica compõem um rol em expansão que exige do professor o estímulo da criatividade e do espírito investigativo das crianças, tal como se espera de uma gravura experimental compreendida no 'campo estendido'. Entre os materiais, alguns deles já testados, vão desde DVDs e CDs, acrílico, plástico bolha, lâminas de acetato, bandeja e retalhos de isopor usados em embalagens, tampas de plástico, lixas, caixas de papelão corrugado, caixas de fósforo, retalhos de madeira, compensado ou MDF, rolha de cortiça, pregadores de roupa de madeira, retalhos de gesso, acetatos radiográficos, barbantes, tubos de papelão de filme plástico, de papel para cozinha e de papel higiênico, embalagens Tetra Pak, entre outras possibilidades. É com base em sua seleção que são escolhidas as técnicas. Entre as mais populares estão os carimbos de madeira e de verduras, carimbos 'reaproveitáveis' de silicone, estêncil ou molde vazado, a falsa serigrafia, a colagravura (ou *collagraph*), gravura em relevo ('pressão' sem entintagem), monotipia, isoporgravura, monotipia, entre outras formas híbridas de impressão, inclusive. A categoria 'não-tóxica' implicaria mais substratos como o vidro, a argila, o gesso, a cola quente, lixa de madeira, e mais possibilidades que requerem testes.

A experimentação, característica dos processos e procedimentos da Gravura Ecológica (GE), é extensiva porque promove a ampliação de técnicas, materiais e instrumentos, garantindo hibridismos de linguagens que a avizinham ao conceito de "campo expandido", tal como vem-se reiterando até então; por outro lado, condiciona as dimensões da gravura em função da natureza do suporte como poderia ser uma placa de compensado ou de metal, ou uma pedra, na Gravura tradicional. Prática prevista na BNCC em todos os anos do Ensino Fundamental, a experimentação proporciona à criança a vivência da ludicidade por meio das artes. Experimentar, neste sentido, traz o confronto com o inesperado, fato comum às muitas formas de brincar. É uma ação presente nas habilidades a serem desenvolvidas pela criança ao longo desta etapa educacional e que atende às recomendações da BNCC, de continuidade do processo de aprendizagem da criança iniciado no Ensino Infantil, em que o brincar, como afirma Brougère citando a Winnicott, (Winnicott,1975, p. 26 apud Brougère, 2002, p. 19) é essencial porque é brincando que a criança se mostra criativa. A BNCC preconiza a manutenção da prática lúdica na continuidade da formação infantil entre suas etapas, corroborando que

nessa nova etapa da Educação Básica, o ensino de Arte deve assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil (BNCC, 2018, p.199).

O senso comum defende a íntima relação entre o lúdico e o desenvolvimento da criança (dos 6 aos 10 anos) pautando-se nesta via como o melhor caminho para uma assimilação do conhecimento de forma prazerosa, agradável e divertida. A ludicidade, neste campo, se manifesta desde o contato social imanente ao ser humano, à execução dos projetos individuais sempre marcados pela colaboração e interação entre os envolvidos. Os procedimentos e processos da Gravura Ecológica viabilizam o aprendizado lúdico da técnica, o exercício da criatividade e a promoção do senso investigativo, estimulados pelo desafio imposto pelos materiais e técnicas, desde o processo de criação à impressão.

Outros benefícios da GE, como a aproximação do seu exercício ao conceito de arte-vida, podem ser observados nesta fase de formação. Destacam-se dois sentidos, um deles aborda a estética presente no cotidiano e o impulso criativo que ela produz. Inequívoca a correlação entre estes termos – estética e cotidiano –, e o conceito de *arte-vida* recuperado da arte moderna de princípios do século anterior, figurando aqui, entre seus aportes, o objeto, como o elemento responsável pela penetração da estética no cotidiano, através da exploração e apropriação de suas qualidades plásticas – formas, texturas, cores –, colocadas em prática pela motivação de criar e revesti-lo com nova roupagem. O outro sentido concerne à apropriação destes objetos na prática gráfica e à influência transformadora que exerce sobre os indivíduos. A materialização de todo o processo que culmina com a estampa é um aprendizado que a criança guardará em seu inconsciente como uma experiência de construção de valores humanos essenciais na pedagogia infantil – o autocontrole, a autoestima, a assertividade, a colaboração e o altruísmo. Outros valores exercitados na GE têm relação com o meio ambiente, tópico já mencionado, e que faz parte do elenco de temas transversais – a educação ambiental e a educação para o consumo – celebrados pela BNCC e que “afetam a vida humana em escala local, regional e global.” (BRASIL, 2017, p. 21). Ao trazer para a sala de aula os hábitos de consumo de sua família, a criança é estimulada a pensar sobre a importância de adotar um estilo de vida sustentável em suas ações rotineiras, que se refletirá em toda sua existência.

Ao abrir espaço a outras soluções técnicas, a nova era da gravura inaugurada pela experimentação, introduz uma forma distinta de pensar sobre o modo de fazer arte, de comunicar-se e, sobretudo, de refletir sobre o que a arte é capaz de oferecer às crianças em seu estágio inicial de formação. "Educar promovendo valores", partindo da noção de sustentabilidade e de reflexões acerca do consumo desenfreado e seus impactos sobre o meio ambiente.

A intenção de educar para aquisição consciente de bens não-duráveis e do reaproveitamento de embalagens como recurso de criação de gravuras, encontra nas artes visuais o terreno propício à criatividade e à pluralidade de ideias. Se a sustentabilidade franqueia a todos o exercício da criatividade, lhe exigirá do mesmo modo, raciocínio e capacidade de ressignificação ou transcendência para buscar alternativas ao uso do material a ser trabalhado. Em termos concretos, na Gravura Ecológica (GE) a transcendência à origem e forma do objeto usado como matriz são o ponto de partida do processo de elaboração da gravura, o que significa em outros termos, desviar-se da função primária do objeto para dar-lhe um novo sentido. Em termos pedagógicos, a bandeja de isopor, e. g., cuja função original é a comercialização de alimentos, torna-se matriz de gravura em papel (Figura 1) ou outro suporte bidimensional compatível com sua aplicação, como o tecido (Figura 2) variando apenas na qualidade da tinta empregada.

Imagem 01 - Isoporgravura na fase escolar.



Fonte: <http://catracalivre.com.br/wp-content/thumbnails/5JIB3NFQkkGU55OkSesIFgJ3tUY=/wp-content/uploads/2014/09/gravura-de-isopor-768x511.jpg>

Imagem 02 - Tulipas. Carimbos de isopor sobre tecido em sarja amarela de algodão.

Fonte: Criação e foto da autora.

Ratificando o conteúdo da primeira seção deste trabalho, o universo da Gravura Ecológica se manifesta na transversalidade com outras áreas do saber – a biologia (ecologia), a filosofia (ética, cidadania), gestão ambiental – de modo simultâneo e sincrônico e em atenção aos propósitos da BNCC (2017) de um ensino fundado no processo de criação e não apenas dos resultados e na observância das dimensões do conhecimento – criação, expressão, fruição, estesia, reflexão e crítica.

A Gravura Ecológica, como prática pedagógica proposta na segunda infância, propicia o desenvolvimento de competências socioemocionais na criança por meio da ética e da cidadania que vão capacitá-la para o enfrentamento de problemas e desafios futuros. A consolidação de uma educação ética confere habilidade para uma boa convivência social e ponderação sobre causas e consequências de atitudes que, no caso em questão, vão de encontro ao equilíbrio ambiental. O conceito de cidadania, no processo educativo, é um dos pilares da vida social, posto que as nossas escolhas e ações devem visar o bem comum. A criação de uma consciência ambiental e de hábitos racionais de consumo e seu efeito propagador dentro e fora do domínio escolar é um dos resultados que se espera de uma ação educativa pautada no exercício da cidadania. Em suma, o exercício do senso crítico e da reflexão com base na ética e na cidadania se presentifica na prática da arte por meio da Gravura Ecológica. Ademais, não apenas as ações responsáveis sobre o meio ambiente (a curto e longo prazo), mas o cuidado com a própria saúde, durante a produção gráfica, constitui-se num aspecto relevante para o debate e reflexão no ensino da Gravura ecológica, tendo em vista seu caráter atóxico.

A Arte é um campo fecundo que faculta à criança, na fase do Ensino Fundamental I (EI), uma aprendizagem de forma participativa, autoavaliativa, coletiva, ancorada na ludicidade e na formação de um pensamento próprio acerca de amplos aspectos – estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais – que lhe são relacionados. O Ensino Fundamental I (EI) é um período da vida escolar em que o aprendizado encontra-se alinhado às memórias afetivas, sendo este apenas mais um dos motivos pelos quais deve-se pôr em prática conceitos e valores capazes de formar cidadãos sensíveis, conscientes e potenciais multiplicadores da defesa do bem-estar comum em sociedade e em um nível planetário mais abrangente.

A gravura ecológica na sala de aula. abordagens possíveis

O ponto de partida para o ensino da Gravura ecológica no Ensino Fundamental I é a apresentação da arte da Gravura em seu contexto original e no dia a dia, como se apresentará a seguir. Embora presente na rotina diária, é uma arte desconhecida na escola – enquanto ‘técnica’ e ‘expressão ou comunicação’ –, e que ainda goza de uma considerável impopularidade nos projetos pedagógicos, sobretudo, das escolas públicas. Com a implantação da BNCC na educação escolar, se ampliaram as expectativas de um ensino mais plural no campo das artes visuais, que contemple diferentes formas de expressão ao lado das tradicionais técnicas do desenho e da pintura.

Tendo a Gravura ecológica como principal enfoque desse texto, o professor deve se perguntar sobre qual a melhor forma de apresentá-la às crianças. Como sugere Ana Mae Barbosa (1991), o primeiro passo seria mostrar como a Gravura se apresenta no nosso cotidiano por meio de ‘impressões’, sublinhando seu conceito mais genérico; em segundo lugar, seria conhecer o contexto em que ela surgiu como Arte, chamando atenção à Gravura tradicional, para compreender o seu conceito como uma expressão de múltiplos, e que a diferencia das demais expressões artísticas; em terceiro, ilustrá-la para apreciação das suas formas de apresentação em função de suas matrizes em madeira (xilogravura), pedra (litogravura), metal (calcogravura), tela (serigrafia); e em seguida, apresentar os materiais descartáveis – como recursos materiais extraídos do cotidiano –, que se contrapõem aos suportes tradicionais em termos de ‘dureza’ e serão utilizados como matrizes na produção das gravuras (isopor, papelão, cortiça, etc.), relacionando-os com as técnicas tradicionais de

gravura, sinalizando as diferenças e semelhanças com respeito aos resultados obtidos. Cabe, inclusive, informar a fonte de obtenção desses materiais alternativos, ensinar a selecioná-los, orientar sobre como aproveitá-los para trabalhá-los, demonstrando-o.

A motivação para criar é uma etapa pouco valorizada, mas de suma relevância no processo de conhecimento de uma nova técnica e expressão, em que o professor deve considerar além de temas, a própria experiência introduzida pelo conceito de gravura (seu *modus faciendi* e técnicas) e de sustentabilidade (ecologia). Tratando-se de uma experiência recente para a criança, é fundamental sua compreensão do conceito, vivenciando-o inicialmente em cada material, deixando as referências e tema para uma etapa posterior. A abordagem dos elementos da linguagem visual, nesta fase inicial, subordina a compreensão de recursos e conceitos muito explorados na gravura, como uso do espaço positivo/negativo, simetria, rebatimento, monocromia/policromia, texturas, e servindo-se deles para identificar os estímulos sensoriais oferecidos pelos próprios materiais.

Com relação à etapa temática, o professor pode lançar mão do repertório da faixa etária que lhe corresponde no momento, das múltiplas referências e/ou situações advindas da própria gravura, como o cordel, por seu traçado e composição cromática de menor complexidade se comparados com outros estilos; de histórias infanto-juvenis; manifestações culturais (regionais); história, flora, fauna locais, férias, dentre vários, contextualizando-os, para que cada ação tenha a efetividade na prática da gravura, e se logre a conexão ideal entre a história da técnica e as técnicas, o fazer artístico e o conteúdo desenvolvido nas aulas.

Partindo destas observações, o professor dá início à apresentação da Gravura no cotidiano, na pluralidade de materiais impressos nas mais diversas embalagens, esclarecendo sobre seu conceito básico, amplo: papéis, sacolas plásticas e de papel, caixas de presentes; agendas, cadernos e artigos de papelaria, em geral; em objetos decorativos e utilitários; no vestuário – camisetas, tênis, vestidos, bermudas, bonés, etc.; em artigos de leitura como livros, revistas, jornais; sacos de pão, sacos plásticos de supermercado, folhetos de propaganda, cartão de apresentação; e as próprias embalagens que servirão de matrizes, como a caixa de papelão Tetra Pak®, e que irão compor um pequeno acervo de referências. Nesta mesma aula o professor deve solicitar a cada criança como tarefa para a próxima, mais de um destes exemplos trazidos de seu ambiente doméstico, como estratégia de avaliação do aprendizado. O resultado que se espera é de uma ampla variedade de exemplos, todos representativos do consumo de uma família. Projetos como o da artista estadunidense Merrill Comeau (Figura 3),

Partindo destas observações, o professor dá início à apresentação da Gravura no cotidiano, na pluralidade de materiais impressos nas mais diversas embalagens, esclarecendo sobre seu conceito básico, amplo: papéis, sacolas plásticas e de papel, caixas de presentes; agendas, cadernos e artigos de papelaria, em geral; em objetos decorativos e utilitários; no vestuário – camisetas, tênis, vestidos, bermudas, bonés, etc.; em artigos de leitura como livros, revistas, jornais; sacos de pão, sacos plásticos de supermercado, folhetos de propaganda, cartão de apresentação; e as próprias embalagens que servirão de matrizes, como a caixa de papelão Tetra Pak®, e que irão compor um pequeno acervo de referências. Nesta mesma aula o professor deve solicitar a cada criança como tarefa para a próxima, mais de um destes exemplos trazidos de seu ambiente doméstico, como estratégia de avaliação do aprendizado. O resultado que se espera é de uma ampla variedade de exemplos, todos representativos do consumo de uma família. Projetos como o da artista estadunidense Merrill Comeau (Figura 3), por exemplo, servem de inspiração para dar início à etapa de identificação de gravura no cotidiano e de triagem dos suportes (ou materiais).

O confronto entre o arsenal de exemplos extraídos do cotidiano e o de exemplares de obras de artistas consagrados pode ser uma estratégia de aprendizagem adotada pelo professor para explicar ‘o que é ou não Arte’, estimulando associações que possibilitem ao seu alunado o desenvolvimento da percepção, o senso artístico e estético e o entendimento da relevância da Gravura para a História da Arte.

Figura 3 - Merrill Comeau. Remains of the day (Fragmentos do dia) Instalação. Materiais descartados no campus da Universidade de Southern New Hampshire durante residência artística, impressão de blocos e costura com alunos, professores e funcionários.



Fonte: <https://www.merillcomeau.com/community-projects>

Superada esta etapa, a seguinte tratará de sua contextualização. O ponto de partida para se contextualizar a arte da Gravura, é a arte rupestre, onde se localizam os primeiros exemplares de gravuras de que se tem notícia na História da Arte. O destaque desse período da História ficaria por conta das impressões de mãos sobre as rochas das cavernas (Figura 4) e das incisões nas rochas (Figura 5).

O professor pode se valer de referências contemporâneas como as antropometrias de Yves Klein, na década de 1960, para ilustrar uma outra maneira de uso do corpo para impressões, estabelecendo um paralelo com a arte rupestre. Fornecidas estas analogias, a criança poderá aplicar este conhecimento em sala de aula conhecendo e vivenciando as potencialidades do próprio corpo (Figuras 6) como fonte de inspiração e matriz de impressão.

Figura 4 - Impressões negativas de mãos. “Cueva de las manos”, Santa Cruz, Argentina.



Fonte: <https://noticiasambientales.com/wp-content/uploads/2020/07/3310717w1033-1024x682.jpg>

Figura 5 - Gravura (incisões) sobre rocha. “Cova de la Font Major”. Tarragona, Espanha.



Fonte: <https://www.republica.com/wp-content/uploads/2020/02/IPHES-cueva-santuario-paleolitico.jpg>

Figura 6 - “Elefantes” , Monotipia com as mãos.



Fonte: <http://www.soescola.com./wp-content/uploads/2016/01/elefante-pintura-mao-300x216.jpg>

São referências desta fase inaugural da Gravura a que o professor deve recorrer para explicar os conceitos de matriz, impressão, estampa, contrapondo-os às técnicas, materiais e suportes empregados nos desenhos e pinturas realizadas em sala de aula. Nesta etapa, serão demandados materiais descartáveis para uso na aula seguinte. Na sequência, a criança será instruída, inicialmente, a realizar a triagem do material recolhido para experimentar os recursos oferecidos por cada um, ao longo das aulas de gravura. A criança se surpreenderá com a possibilidade de realizar uma técnica que está presente no seu material de estudo (cadernos, livros, lápis, borracha), no seu uniforme escolar e em outras vestimentas, em objetos do seu dia a dia em casa, na escola, nas ruas, nos diversos locais que visita.

Há técnicas de mais fácil execução que funcionam como uma etapa introdutória no terreno da Gravura, a fim de que criança internalize, paulatinamente, o conceito de gravura e seus procedimentos. A frotagem é uma delas. A captura da pluralidade de superfícies permite conhecer e vivenciar a textura que é um dos elementos plásticos visuais mais explorados nas artes gráficas, além da linha, forma e cor. As etapas de contextualização e fruição da *frottage* têm nas obras de Max Ernst (Figura 7) seu mais flagrante exemplo. A captura de superfícies encontra exponenciais exemplares na produção de ‘monotipias’ (Figura 8), outra técnica de gravura, da série ‘sudários’ de Carlos Vergara (OSÓRIO, 2011), dos anos 1990.

Figura 7 - Max Ernst “Le start du châtaignier”, c. 1925. Lápis de cor, frotagem e guache sobre papel 26,2 x 37,6 cm.



Fonte: <https://www.moma.org/collection/works/94238>

Figura 8 - Monotipia. A matriz é a própria mesa de trabalho



Fonte: <https://www.machadodeassis.com.br/fotos/406/003.jpg>

Dando seguimento a essa aprendizagem em sala de aula, propõe-se a apresentação das colografias (Figura 9). Um dos propulsores desta técnica e primeiro a sugerir seu nome, o gravador Glen E. Alpes (BERNAL, 2013, p.125), como uma amostra do bom resultado que se pode lograr com a técnica da colagem de materiais heteróclitos e entintáveis sobre o suporte que servirá de matriz. O desafio, neste caso, resulta em dispor sobre a placa, elementos de mesma altura para que não haja desníveis e formação de falhas na estampa. Por outro lado, a colografia propicia a exploração livre (e lúdica) de materiais e a entintagem por desigual, aplicada a pincel sobre cada peça ou em áreas específicas. Obras de cordelistas como J. Borges são excelentes referências de xilogravuras de composições de menor complexidade e com áreas planas de cor, em que na escola podem ser realizadas com resultado muito próximo usando placas de isopor, exceto pela ausência dos veios da madeira tradicionalmente usada como suporte desta técnica; as calcografias de Marcelo Grassmann com seus inspiradores cavaleiros medievais que recordam livros infanto-juvenis, têm como suporte alternativo caixas de Tetra Pak® (Figura 10) em vez da convencional chapa de cobre.

Figura 9 - “Sem título”, 2019, Colografia. 21x27,9cm.



Fonte: Criação e foto da autora.

Figura 10 - Gravura em Tetra Pak

Fonte: https://www.coloranimal.cl/img/cms/final_2.png

Seguindo a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, na sequência apresentada observam-se as etapas de contextualização, apreciação e produção. Nesta última e para que a aprendizagem seja mais efetiva, o docente pode propor um estímulo concreto (um tema) para realização da gravura, coordenando-a com a fase da contextualização. Na prática, ao apresentar às crianças e interpelá-las sobre a fase “Caprichos de Goya” em suas calcografias, o professor certamente ouvirá que representam imagens ‘oníricas’. A partir desse estímulo, solicita-se a cada criança que descreva, por imagens, alguns dos seus sonhos. Desse modo, se seguiriam as próximas abordagens gráficas relacionando-as com os exemplos mostrados nos slides e/ou intercalando-as com temas pertinentes previstos no planejamento pedagógico.

Ao finalizar cada atividade, o professor deve deixar um espaço em sua aula para que as crianças relatem suas experiências individuais com relação à linguagem da gravura e suas técnicas – facilidades, dificuldades, apreciação e temas abordados em sua execução, relacionando-as à questão chave desse texto, a sustentabilidade e sua aplicação nas artes gráficas. A BNCC (endossa essa recomendação destacando a importância de “dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais” (EF15AR06).

A Gravura Ecológica se posiciona na prática pedagógica do Ensino Fundamental I como um campo promissor para o desenvolvimento da percepção sensível e criatividade, de competências e habilidades da criança previstas na BNCC, uma vez que, por intermédio de sua contextualização e fruição a criança poderá “identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético” (BNCC, 2017, p. 201). Do mesmo modo, será capaz de reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais e internacionais (BNCC, 2017, p. 198). Estas são algumas das expectativas da BNCC com relação à prática pedagógica no Ensino Fundamental I, que corresponde aos primeiros anos de formação artística.

Considerações finais

A premissa que inaugura esse texto situa a experimentação na condição de promotora da criatividade, responsável pela expansão das artes gráficas e surgimento da Gravura ecológica em colaboração transversal com a Biologia (por meio da Ecologia) e a Gestão Ambiental.

A incorporação da Gravura nos Projetos Pedagógicos significa um importante passo para o desenvolvimento da cognição, da capacidade de associação, do senso estético e de observação das crianças. A Gravura ecológica (GE), produto da expansão das modalidades artísticas e especificamente, da arte múltipla, tem proporcionado nas últimas décadas uma manifestação ampla de procedimentos que vem introduzindo no Ensino Fundamental I, habilidades e competências exigidas nesse estágio do crescimento infantil pela Psicologia, Psicopedagogia e Arte-Educação, além daquelas preconizadas pela BNCC, anteriormente abordadas.

A versatilidade, os aportes e benefícios que a Gravura ecológica operam na educação infantil são incontestáveis e imensuráveis. Sua correspondência direta com a natureza e a vida cotidiana conduzem a criança à reflexão sobre o mundo em que vive, sobre suas ações e formas de atuar nele de modo consciente e responsável. Ademais, a sociabilização e o diálogo imanentes à sua prática geram valores fraternos e solidários que enriquecem o ensino e aprendizagem da Arte.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR MORENO, Marta. **Grabado sostenible**. Experiencias y prácticas de mediación educativa en Primaria. Universidade Complutense de Madri. n.18, set. 2017.
- BARBOSA, Ana Mae. **Imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BERNAL, María del Mar. **Técnicasdegrabado.es**: difusión virtual de la gráfica impresa). *Cuadernos de Bellas Artes*, v. 14. La Laguna (ES): Sociedad Latina de Comunicación Social, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/attachments/46171461/download_file?st=MTY0NTU0OTA2MywxODYuMjE0LjE3OS43Mw%3D%3D&s=swp-splash-paper-cover Acesso em: 02 maio 2021.
- BNCC. Arte. Arte no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. In: **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BN_CC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 12 fev. 2022.
- BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- CLARK, A.; CHALMERS, D. **La mente extendida**. Oviedo: KRK, 2011.
- JAPIASSÚ, Carlos Eduardo; GUERRA, Isabella F. 30 anos do Relatório Brundtland: nosso futuro comum e o desenvolvimento sustentável como diretriz constitucional brasileira. **Revista de Direito da Cidade**, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 1884-1901, out. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/30287/23220>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- MARTÍNEZ MORO, Juan. **Grabado en expansión: medios históricos nuevas perspectivas**. Cátedra de Dibujo de la Universidad de Cantabria, 2017.
- OSÓRIO, Luiz Camillo. Da pintura e do sagrado – a contradança da ternura. In: Paulo Sérgio Duarte (org.). **Carlos Vergara – pinturas**. Rio de Janeiro: Automática, 2011.
- PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento humano**. Tradução Carla Filomena M. P. Vercesi [et al.]. 12ª. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- V.V.A.A. **Report of the world commission on environment and development: Our Common Future**. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf> Acesso em: 17 jun 2021.

SKLIAR, Carlos. Normalidad-Patología. In: CARRERAS, Juan Sáez; ALBERT, Manuel Esteban. **Dialéctica de los conceptos en educación**. Editorial UOC: 2015, p. 109-123.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, 2019. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389/4393>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas - V: fundamentos de defectología**. Moscú: Editorial Pedagógica. 1983. Tradução (Castelhano): Júlio Guillermo Blank, 1997. 5ª ed.

@revistaeai

revistaeducacao
arteinclusao@
gmail.com

(48) 3321-8314

revista 
eai educação,
artes &
inclusão